

VISCERAL



Visceral

María Fernanda Ampuero



10	ASFIXIA
13	TERROR
20	FÚRIA
23	COLONAS
33	BÁRBAROS
39	ESCAPAR
42	MUTILADOS
45	GUAYAQUIL
48	MÓRBIDA
63	GORDA
71	GRITARIA
87	CENTRO
100	MORTAS
102	ÚTERO
113	IDA
119	MAURI
124	CABEÇAS
127	LOUCA
144	NEBLINA
156	DANOS
158	FIM



*Quem sabe me aconteceu apenas uma lenta e grande
dissolução? E que minha luta contra essa desintegração está
sendo esta: a de tentar agora dar-lhe uma forma?*

Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*



You should be angry. You must not be bitter. Bitterness is like cancer. It eats upon the host. It doesn't do anything to the object of its displeasure. So, use that anger. You write it. You paint it. You dance it. You march it. You vote it. You do everything about it. You talk it. Never stop talking it.

Você deveria estar furiosa. Não deveria ser amarga. A amargura é como o câncer. Alimenta-se do hospedeiro. Não faz nada para o objeto de seu desagrado. Então use essa raiva. Escreva-a. Pinte-a. Dance com ela. Marche com ela. Vote com ela. Faça tudo com ela. Fale dela. Nunca pare de falar dela.

Maya Angelou

A palavra “abatimento” foi registrada pela primeira vez em 1460; “angústia”, em 1465; “desconsolo”, por volta de 1520; “depressão”, por volta de 1580; “melancolia”, em 1611; “consternação”, em meados do século XVII, anos em que a palavra “melancolia” mudou de significado. “Morrinha” aparece em 1726, e como tristezas recentes nascem a “nostalgia” em 1884 e a “saudades” em 1895. Aparentemente, a linguagem antiga se contentava em sentir uma tristeza grosseira até que preferiu sentir tristezas precisas em vez de tristezas não nomeadas.

José Antonio Marina, *Ética para náufragos*

ASFIXIA

Esperar um filho seria ficar presa em um elevador entre dois andares, em plena zona de asfixia. Não tenho medo nem sinto culpa de abortar. Sim, tenho medo de receber um castigo não menos asfíxiante: a prisão perpétua.

Alejandra Pizarnik, *Diários*

Ah, o que não faríamos por um pouco de compreensão.

Lucia Berlin, “Mordidas de tigre”

Recorro à literatura.

Como acontece sempre que não consigo entender algo, sempre que a injustiça me revolve por dentro, sempre que sinto que posso morrer de raiva, recorro à literatura.

A outra opção seria morder as mãos até deixá-las em carne viva e ensanguentar o teclado, ou pular pela janela segurando um pedaço de papel no qual esteja escrito: “Quem me matou foram todos os homens”, ou atear fogo em mim mesma entre os *runners* e os patinetes elétricos e deixar que os celulares me gravem.

Tenho certeza de que há muita raiva dentro de mim para estar viva e que, ao mesmo tempo, essa raiva me mantém viva. Não sei se me explico.

É que, caramba, nós mulheres ainda somos proibidas de decidir sobre nosso próprio corpo. No século XXI. Em tempos de inteligência artificial. Enquanto as sondas passeiam pelo espaço. As pobrezinhas das mulheres que não sabem o que querem, as infelizes que pretendem aniquilar o bebê que está em seu ventre, as selvagens que querem abrir as pernas, mas não enfrentar o que implica abrir as pernas.

As más, as tolas, as bestiais, as putas, as pecadoras, as indolentes, as assassinas.

Leio Violette Leduc, Alejandra Pizarnik, Simone de Beauvoir, Lucia Berlin, Agustina Guerrero, Margaret Atwood, Joyce Carol Oates, Anne Sexton, Sandra Vizzavona, Claudia Piñeiro, Alice Walker (que escreveu: “O homem branco pode dizer ‘seus filhos têm direito à vida. Portanto, vou devolver a vida dos 30 milhões que foram jogados ao mar durante os séculos do comércio de escravos. E os outros milhões que morreram em meus campos de algodão e pendurados em árvores’”),¹ Lina Meruane, Sara Gallardo, Lorrie Moore.

Leio mulheres que escreveram sobre o aborto, mas só consigo pensar nas meninas grávidas. Essas garotas que, enquanto escrevo, enquanto você lê, estão sendo estupradas, e o horror da vida está se instalando em seu corpo. Não o milagre, o horror.

Pensem nisto: deveria ser um crime contra a humanidade fazer com que elas, com seu corpinho, levem adiante uma gravidez e tenham de parir uma criança.

¹ Ver o artigo de Alice Walker “The Right to Life: What Can the White Man Say to the Black Woman?”, *Seattle Journal for Social Justice*, v. 1, n. 1, art. 1 (maio 2022): <https://digitalcommons.law.seattleu.edu/sjsj/vol1/iss1/1>.

Em países como o meu, o Equador, as meninas, as adolescentes e as mulheres são forçadas a ter uma gravidez indesejada porque abortar é crime.

Em países como o meu, o Equador, todos os anos mais de 3 mil meninas com menos de catorze anos são mães, em 80% dos casos como resultado de abuso sexual. Lá, em meu pequeno país, 12% das meninas entre dez e dezenove anos engravidaram pelo menos uma vez. E você dirá: pobres e selvagens repúblicas bananeiras, como suas mulheres são solitárias.

Nos Estados Unidos — o país da liberdade, como já sabem —, a Suprema Corte acaba de anular a decisão histórica de 1973, conhecida como *Roe vs. Wade*, que garantia o direito ao aborto. Isso significa que cada estado desse país terá o poder de legislar como quiser sobre as mulheres e seu corpo. Não é difícil adivinhar o que vai acontecer naquele gigantesco clube masculino com tantos brancos, ultraconservadores e cristãos jogando cartas com nossos direitos.

E na Espanha?

Toda vez que ouço falar da vitória dos partidos de ultradireita, penso que a corrida ascendente pelas escadas da democracia é, na verdade, uma bota que pisoteia nosso ventre, nosso sexo, nossa mente.

Eles sobem puxando nossos cabelos, arrastando-nos, golpeando-nos com brutalidade contra os degraus. E a cada estalo de nariz, de costela, de perna, o distinto público aplaude o que foi, é e será o maior espetáculo do mundo: a destruição das mulheres.

TERROR

“Os maus-tratos e abusos nas mãos de nossos semelhantes, as perdas violentas ou imprevistas, a traição ou o abandono inesperado dos entes queridos, a tortura, os acidentes, os desastres naturais, a guerra [...] nos confrontam com uma equação cognitiva que é muito difícil de resolver. O que acontece? Por que acontece? Fiz alguma coisa para provocar isso? Vai terminar? O que posso fazer para me proteger? [...] O trauma é uma experiência ilegível, algo que resiste à interpretação e ao ordenamento racional. O indivíduo não sabe como responder, como regular as intensas cargas de dor e medo que o evento provoca. O trauma, em suma, nos arrasta para o terreno da falta de sentido. Muitas das histórias que compõem o cânone do terror parecem se inclinar para o lado do absurdo.

Ismael Martínez Biurrun e Carlos Pitillas,
Soy lo que me persigue

Sem pensar muito, vêm à minha mente quatro argumentos para escrever histórias de terror:

- * A água da chuva não é mais potável nem na Antártida, ou seja, não há mais chuva limpa, já contaminamos tudo.
- * As meninas de doze anos de uma escola particular em Madri que são filmadas por um professor quando estão trocando de roupa.

- * Os estudantes de uma universidade gritando “vagabundas, saiam da toca como os coelhos, suas putas ninfomaníacas”.
- * O partido político de extrema direita Vox.

O gênero de terror sempre representou os medos universais e atemporais do ser humano, mas também o *Zeitgeist*, o fantasma dos tempos. Ou seja, o ar que se respira em uma época específica.

O que vou dizer que vocês já não sabem? O fantasma que atravessa nossos dias é aterrorizante. O ar é venenoso. Estamos em perigo.

Aqueles de nós que não são homens heterossexuais, milionários e poderosos vivem em tempos sinistros: os migrantes, o coletivo LGBTQIA+, as meninas, as adolescentes e as mulheres, as que vivem em situação precária, os desempregados, os refugiados, aquelas que estão em um país em guerra ou nesta outra guerra: a das mudanças climáticas, e todos, todas, todes que não estamos protegidos pelo rótulo de cidadãos exemplares.

Somos “os outros” dos “eles” que controlam tudo.

Estou com medo. Sinto medo o tempo todo. Escrevo porque tenho medo, porque sou mulher, porque fui ensinada a odiar meu corpo; porque sou estrangeira, porque vivo em um país onde o fascismo é alimentado na fornalha da indiferença geral; porque no país onde nasci, as pessoas que se recusam a pagar aos traficantes o direito de ter seu próprio negócio aparecem decapitadas; porque tudo sobe, exceto minha renda, por causa da precariedade das pessoas ao meu redor; porque o planeta está destruído e na Europa a extrema direita não faz mais do que ganhar espaço.

Vocês não têm medo? Digam-me, do que vocês têm medo?

Muitos escritores e escritoras que se dedicam ao gênero de terror o fazem porque talvez seja a única maneira de extirpar

os traumas, pessoais e coletivos, de dentro de si; uma aula de anatomia. E eviscerá-los para vê-los e depois compartilhá-los.

A família, por exemplo, essa gigantesca geradora de traumas, é também o germe de centenas de histórias do gênero: filhos possuídos, avós que querem roubar a juventude dos netos, um lar destruído no qual se instala uma presença maligna, uma mulher grávida que suspeita que o marido e os vizinhos pertencem a uma seita satânica, um hóspede canibal em um lar infeliz, crianças que, de repente, sentem a necessidade de matar os pais.

Não é difícil entender que as histórias de terror existem porque são uma hipérbole do medo cotidiano: meu filho não me ama, meu parceiro tem uma vida dupla, eu bebo demais, a velhice me assusta, sinto que vivo com pessoas que realmente não conheço, como vou criar esses filhos sem pai ou mãe, estou ficando louco, o que acontecerá quando eu não tiver dinheiro?

Desvendar qualquer história de terror sobrenatural nos faz chegar ao cerne do medo humano: eu amo e não quero que meu ente querido desapareça, não quero sentir dor, não quero morrer, quero acreditar que existe um deus que me protege do mal, preciso me sentir seguro em minha casa, quero proteger os meus, não quero que eles me machuquem, quero dormir e não ter pesadelos, quero ser amado, quero paz econômica, não quero invasões ou guerras estrangeiras, quero saciar minha sede e aplacar minha fome.

Qualquer história de casas mal-assombradas, de possessões satânicas, de invasões alienígenas, de zumbis, de vampirismo, de seitas, de objetos que ganham vida para nos destruir, qualquer uma, todas elas, são símbolos do medo atávico que temos da morte, da dor, das doenças, da loucura, do mal, da perda de controle e de não sermos capazes de defender aqueles que amamos ou a nós mesmos.

O terror não existe sem apelar para medos universais, e as pessoas, as sociedades, têm medo do desconhecido, do que irrompe para destruir a normalidade, do famoso *Unheimlich* (literalmente: que não pertence à casa) de Sigmund Freud: a estranheza que aniquila a normalidade, o sinistro.

O que é mais sinistro do que a morte, a fome e a sede, a violência, o desaparecimento de nossos entes queridos, a guerra, a destruição da natureza, a extinção, o desejo de nos prejudicar por sermos quem somos, a dor física, a perda de nossos espaços seguros, a impossibilidade de fazer algo diante do rolo compressor do capitalismo?

Temos medo de tudo que acontece a nossa volta. E, claro, não é novidade que o terror se alimente do que sai nas notícias.

Mary Shelley escreveu em *Frankenstein* sobre o perigo de brincar com a tecnologia (eletricidade) para trazer os mortos à vida. *Drácula* de Bram Stoker é a história de um homem apaixonado que busca vingança pelo feminicídio de sua amada, mas também é a história da luta do mágico mundo antigo contra o cínico mundo moderno. Stephen King conta, em *Sobre a escrita*, que *Cemitério maldito* é uma história que lhe ocorreu quando viu, perplexo, a quantia e a velocidade dos caminhões que passavam em frente a sua casa e que qualquer dia poderiam atropelar seu filho. *O nevoeiro*, do mesmo autor, publicado na década de 1980, fala sobre o perigo da energia nuclear. *Guerra Mundial Z*, o romance de Max Brooks, fala sobre o horror da guerra e até onde nós humanos podemos ir para exterminar o outro (foi publicado em 2006, quando os Estados Unidos tinham invadido o Afeganistão).

O que é novo são as notícias. E as vozes que querem escrever sobre isso.

É por isso que Liliana Colanzi (*Nosso mundo morto, Vocês brilham no escuro*) e Samanta Schweblin (em *Distância de resgate*

e *Sete casas vazias*, por exemplo) escrevem terror ecológico. É por isso que Mónica Ojeda (*Mandíbula*, *Voladoras*), Dolores Reyes (*Cometerra*), Magela Baudoin (*A composição do sal*) ou Brenda Navarro (*Casas vazias*) escrevem sobre o terror de ser menina, adolescente, mulher. É por isso que Mariana Enriquez (*Nossa parte de noite*, *Os perigos de fumar na cama*, *As coisas que perdemos no fogo*) escreve sobre o terror social, econômico e político, sobre o trauma coletivo de uma sociedade que viveu uma ditadura assassina e cobriu os desaparecidos com silêncio, terra e água.

Sobre sua obra, a escritora argentina disse em entrevista publicada na revista *Medium*:

Os medos que abordo têm mais a ver com a pobreza, com o desemprego econômico. Aqui o medo não está no homem que lança uma maldição. É aquela classe média baixa com medo de perder o pouco que tem e que pode se converter em um monstro. O medo está nas consequências ou na persistência dos efeitos dos traumas coletivos de violência institucional, acho que isso aparece o tempo todo em meus contos. Tentar se comunicar com os mortos, tentar encontrar ossos... sei lá... porque na Argentina, como em tantos países latino-americanos, isso acontece. E, na Argentina, a questão é que houve muitas mortes e há muitos traumas sem corpos.²

O trauma, então, é o verdadeiro motor do que tem sido chamado de “gótico andino”, “gótico tropical” ou “neogótico latino-americano”, devido a essa necessidade frenética de impor rótulos e caixas à escrita. A literatura latino-americana contemporânea, sobretudo aquela escrita por mulheres, escreve e descreve o trauma, ora aumentando o volume para transformá-lo

² Ver a entrevista com Winston Manrique publicada em 13 de março de 2017 em *Medium*: <https://medium.com/@winstonmanriquesabogal/marianaenriquez-la-reciente-historia-argentina-est%C3%A1-hecha-de-historias-cotidianas-de-terror-26420da56a2f>.

em algo sobrenatural, ora envolvendo-o no poético e simbólico, ora aderindo ao realismo.

Não deveríamos, penso eu, diferenciar entre os monstros que existem e os que não existem, pois, como dissemos, os seres e os eventos sobrenaturais são apenas uma projeção, uma hipóbole, um símbolo daquilo que nos persegue na vida real. O *Unheimlich*, aquilo que não pertence à nossa casa, o sinistro, está lá, aqui, ali.

Na casa dele e na minha.

O invencível verão de Liliana, de Cristina Rivera Garza, a história do feminicídio da irmã da autora, é um romance aterrorizante em que um homem, por ciúmes, por raiva, por machismo, assassina uma garota cheia de vitalidade e deixa todos aqueles que a amavam moribundos para sempre.

Aristóteles diz que, para alcançar a catarse, são necessários dois elementos no espectador, no leitor: *eleos* e *phobos*, piedade e temor. E no livro de Rivera Garza os dois aparecem de mãos dadas, como nas histórias de terror mais espantosas e dolorosas.

Exploração, de Gabriela Wiener, é outro exemplo de literatura que não é estritamente do gênero que produz terror: a pilhagem, o colonialismo, o ódio que sentimos por nós mesmos que nos foi inoculado com o racismo, o medo, o estrangeirismo, a solidão de quem é diferente, a precariedade. Wiener escreve duramente sobre seu trauma individual que é, como costuma ser, coletivo e que, como todos os monstros da literatura e do cinema, continuam nos assustando no porão da alma.

Stephen King escreve: “O terror surge de uma profunda sensação de descentralização: tudo está desmoronando ao nosso redor. Se esse sentimento de desmoronamento é repentino e

parece pessoal (se atinge seu coração), então ele se torna incrustado na memória”³

O processo de despejo da favela El Poso no romance *Nossa Senhora do Barraco*, de Gabriela Cabezón Cámara, de um horror inenarrável, é outro exemplo dos romances publicados na última década na América Latina que falam de abusos de poder, assassinatos, drogas, exploração sexual, precariedade, violência policial e que reúnem todos os terrores da desigualdade social do continente de um ponto de vista cru e fresco. Esse romance captura o trauma de uma comunidade que não importa para ninguém, exceto para a irmã Cleópatra, uma líder espiritual transexual. Pura marginalidade, pura sobrevivência, puro medo.

Esses romances mostram como a escrita latino-americana contemporânea exorciza o trauma individual e o coletivo para criar obras literárias com essa matéria monstruosa que permite que a ferida seja transformada em palavras. Como Piedad Bonnett escreveu: “A realidade, você já sabe, está sempre mais além dos fatos, mais aquém da sombra que cresce nas palavras”.

3 Sobre essa reflexão, veja o texto de Stephen King “Why We Crave Horror Fiction”, publicado na *Playboy Magazine* (jan. 1981): <https://faculty.uml.edu/bmarshall/lowell/whywecravehorrormovies.pdf>.

FÚRIA

Como o deus do Antigo Testamento, construí uma obra literária em torno da ira. E mais, quero que minha ira narrativa seja como a que lemos em Isaías:

Uivai, porque está próximo o dia de Iahweh, ele chega como devastação de Shaddai. Eis por que todas as mãos desfalecem, todos os corações humanos se derretem, estão apavorados, convulsões e dores lancinantes se apoderam deles; contorcem-se como uma parturiente, olham espantados uns para os outros, os seus rostos estão abrasados. Eis o dia de Iahweh, que vem implacável, e com ele o furor ardente da ira, reduzindo a terra à desolação e extirpando dela os pecadores. [...] Hei de punir o mundo por causa da sua maldade e os ímpios por causa da sua iniquidade; hei de pôr fim à arrogância dos soberbos. [...] As tuas crianças serão despedaçadas sob os seus olhos, as suas casas serão saqueadas e as suas mulheres violentadas. [...] Os arcos prostrarão os meninos; eles não terão pena das criancinhas, os seus olhos não pouparão os filhinhos. [...] Asi hienas uivarão nas suas torres.⁴

Cuidado com o deus zangado!

Um dia, já na casa dos quarenta, percebi que tinha vivido minha vida com medo da opinião dos outros. Medo de fracassar, de me mostrar, de me expor, de ser ridicularizada por minha

4 Isaías 13, 6-22 (*Bíblia de Jerusalém*). [N. T.]

literatura e minha celulite porque, como você sabe, todas as inseguranças se assemelham: tripa e verso, pança e arte.

Ela escreve mal e é gorda. É uma péssima escritora gorda. Não leiam a gorda. É estúpida, é mulher, é feia, usa uma linguagem tão desagradável quanto ela mesma.

Em minha época, o que conhecemos hoje como *bullying* não era chamado de *bullying*. Não era nomeado, ele simplesmente existia. Veio sabe-se lá de onde: telúrico, como os terremotos.

Suportei tudo, tudo.

A tinta de meus contos é a raiva contra os valentões de minha infância e adolescência. A Carrie de Stephen King, banhada em sangue de porco, atava fogo em tudo. Eu escrevo. Que todas as portas sejam fechadas, que todas as saídas sejam bloqueadas: queimem até os ossos, seus filhos da puta.

Não tenho vergonha de minha raiva. Ela é a Brienne de Tharth de meu *Game of Thrones*, aquela que carrega uma espada forjada em aço valiriano e que corta, em cada conto, a cabeça daqueles que riram de mim no ensino médio, aqueles que me chamaram de burra e gorda, aqueles que pensavam que me perseguir pelo pátio da escola fazendo *oink oink* era divertidíssimo.

Vamos atrás deles, Brienne, daqueles que me fizeram uma mulher que eu não queria ser.

Não há nada mais triste no mundo do que uma garota convencida de ser a Mulher Maravilha que se transformou em uma adulta tensa — sempre tão tensa, que inferno, tão hesitante, que não sabe esconder suas coxas e seus textos e seus dentes tortos e seu desejo de ser olhada com amor.

Vamos atrás deles, Brienne.

Não, não, não e não. Não quero paz no coração, não quero alegria na alma, não quero zen, não quero *mindfulness*, não quero curar. Quero abraçar esse sentimento e fazer tudo com ele: dançar, andar, escrever. Como diz Maya Angelou, eu não sou

amarga, de jeito nenhum, o que estou é furiosa e, quer saber? Confio em minha fúria.

Minha garota fúria, aquela que me leva pela mão.

A raiva, como a alegria, é um sinal de que nos preocupamos com o mundo, e por muito tempo não senti nem uma nem outra. Agora que as sinto de novo, que finalmente, em meio às toneladas de concreto que derramei no peito, saiu um pequeno broto de algo — raiva? plenitude? euforia? ânsia de cortar cabeças? —, valorizo isso quase com lágrimas.

Você não pode estar viva, verdadeiramente viva, sem sentir raiva.

A fúria move meu feminismo, meu ambientalismo, meu antirracismo, minha repulsa absoluta pelas homofobias, transfobias, xenofobias e todos esses ódios mascarados de valores ou de tradição. Por qual outro motivo eu me uniria a uma causa, se não por ficar furiosa pelo que fazem com pessoas indefesas?

Conheçam sua raiva, abracem-na e se lembrem de que as Fúrias da mitologia romana, as Erínias helênicas, eram forças femininas que “se ocupam, acima de tudo, em vingar os crimes, especialmente contra a família. Elas são representadas na figura de mulheres negras e aladas, com serpentes enroladas na cabeça”⁵

Bem, é isso. Vejo vocês por aí.

⁵ Ver Constantino Falcón Martínez, Emilio Fernández-Galiano e Raquel López Melero, *Diccionario de la mitología clásica*. Madri: Alianza Editorial, 1986, p. 223-4.